

Director literario:

Accipiter
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

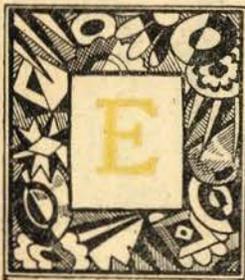
Eduardo Malta
PAPUSSE



: NOVELA INFANTIL :

: Por MARIA ROSA RÉSEDÁ :

: Desenhos de EDUARDO MALTA :



NTAO sempre é certo «Farrusco»? Assim deixas a tua avó!

— Tem de ser, avó, mas descansa que será por pouco tempo. Vocemecê bem sabe que somos muito pobres e por isso não devemos desprezar este esplêndido «negócio» que nos aparece; olhe que é uma boa maquia que nos póde entrar em casa.

— Pois sim, rapaz, não deixas de ter razão, mas esse

dinheiro é ainda muito problemático e és ainda muito pequeno. Assim franzino e miúdo ninguém há-de dizer que já fazes quinze anos para as vindimas; pareces apenas ter dez e tenho sempre medo que te aconteça algum mal. És o

meu único amparo; se me faltasses o que seria de mim? Morreria de desgosto, com certeza.

E a velhinha, comovida, limpou duas lágrimas que lhe deslisavam pelas faces encanecidas e rugosas. «Farrusco» também cheio de comoção mas não o querendo mostrar, beijou-a ternamente ao mesmo tempo que ia dizendo:

— Não tenha receio, avózinha. Apesar de ser pequeno valho mais que muitos homens e, quem sabe!... talvez que a minha pequena estatura seja de grande auxílio para a aventura que vou tentar. Mais facilmente me esconderei em qualquer canto do que outros com mais corpo do que eu. E que mal me poderá suceder? Ora escute avó; vou contar-lhe tudo outra vez para vocemecê se convencer que não corro perigo algum. Escute, pois, com atenção.

Vocemecê sabe, tão bem como eu, que a cidade onde vive o Rei, não é muito distante desta aldeia. Indo a pé,

(Continúa na página 4)



AS CEREJEIRAS

POR LENA MARTINS

Desenhos de EDUARDO MALTA



UM poético recanto do exótico Japão vivia uma linda menina chamada Fá-Li. Habitava com seus pais numa vivendazinha de papel onde havia muitos leques e muita amizade.

Fá-Li gostava imenso de cerejeiras. A sua casita era entre cerejeiras o que lhe dava um aspecto muito pitoresco. Como seu pai era um grande proprietário, mandou plantar por todos aqueles lugares as árvores preferidas pela filha para que, em

qualquer parte que se encontrasse, tivesse o prazer de se ver entre as suas queridas cerejeiras.

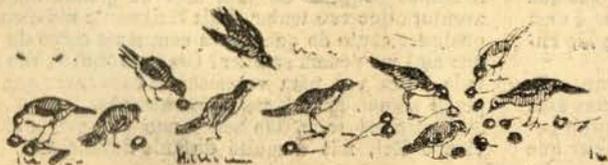
Até o seu quartinho era igualmente enfeitado a cerejeiras.

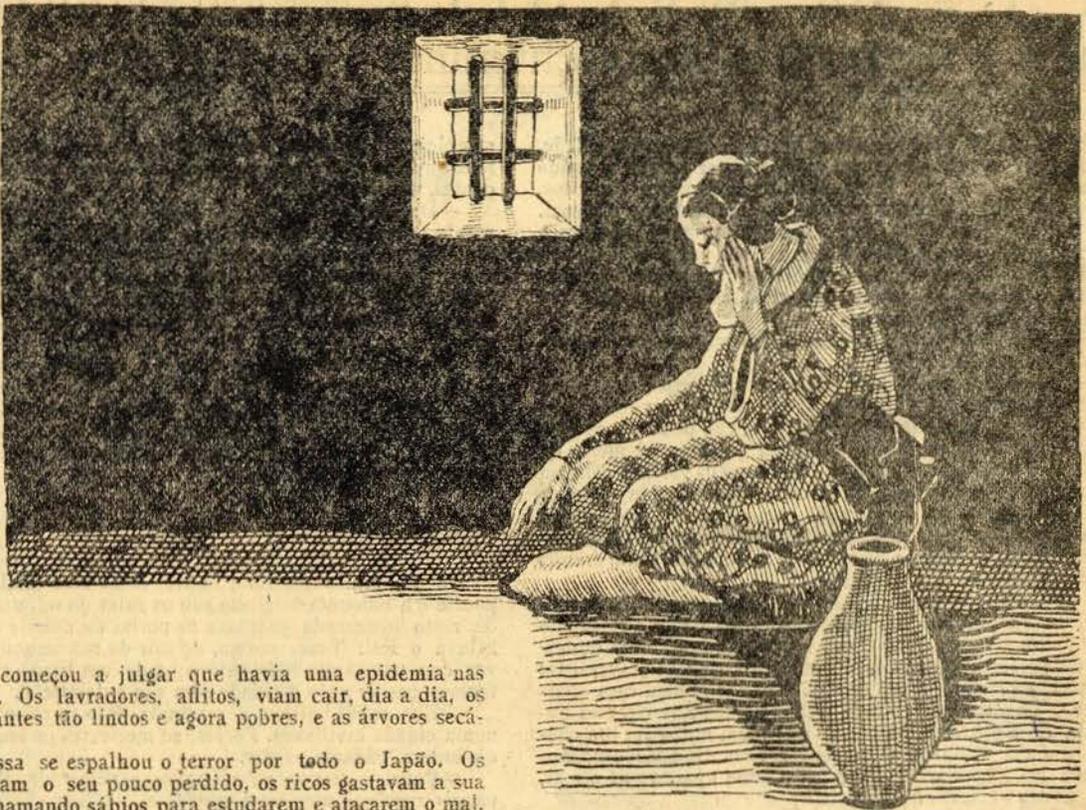
Num dia lindo e quente de Maio em que o sol dourava com os seus raios aquela encantadora paisagem e ainda tornava os frutos mais vermelhos e apetitosos, passou por ali o rei. Estava a linda Fá-Li como habitualmente, sôb as suas árvores preferidas, onde cantavam passarinhos que ela tratava com tanto amor a ponto de ir escolher as cerejas mais maduras e deitá-las no chão para que assim eles não tivessem o trabalho de debicar, vestida com um soberbo kimono amarelo preciosamente bordado a raminhos de cerejas (era uma mania da Fá-Li!) e trabalhando. Ficou o rei encantado e mandou parar a comitiva para interrogar a japonesa. Maravilhado com tão gentis e inteligentes respostas, convidou-a a vir com ele para a capital. Fá-Li negou-se dizendo que nunca deixaria por coisa alguma os seus pais, o seu cantinho e as suas cerejeiras. Fartou-se o rei de a tentar. Nem as festas, nem o luxo do palácio, nem as homenagens a demoveram do seu propósito. Por fim, irritado, porque era a primeira vez que não satisfazia os seus caprichos, mandou-a prender. E lá foi a pobre Fá-Li, levada na comitiva e encerrada num quarto do palácio real. O rei nunca mais se lembrou dela e a infeliz vivia abandonada e chorando a sua desgraça.

Por seu lado, os pais estavam também muito tristes, pois não sabiam o meio de darem liberdade a sua querida

filha. Um dia apareceu-lhes a Deusa das Cerejeiras que disse: — Como a vossa filha era muito amiga das minhas cerejeiras é justo que eu lhe pague esse favor. Vou fazer com que cada lágrima de Fá-Li faça apodrecer uma cerejeira e que só revivam as árvores quando ela chorar de alegria. Só assim o rei libertará a vossa filha». Os pais ficaram muito esperançados com esta aparição.

Como a desgraçada Fá-Li passava os dias a chorar, em





breve se começou a julgar que havia uma epidemia nas cerejeiras. Os lavradores, aflitos, viam cair, dia a dia, os frutos, dantes tão lindos e agora pobres, e as árvores secárem.

Depressa se espalhou o terror por todo o Japão. Os pobres viam o seu pouco perdido, os ricos gastavam a sua fortuna chamando sábios para estudarem e atacarem o mal. Por fim revoltou-se o povo contra o seu senhor. Já estavam os ânimos tão agitados que se via prestes uma guerra, quando, um dia, o rei soube que desde o princípio da epidemia uma senhora tentava falar-lhe sem o conseguir. Os ministros aconselharam-no logo a recebê-la, não fosse às vezes uma fada. Entrou a mãe de Fá-Li e expôs logo o motivo da sua visita. O rei, então, lembrou-se da sua prisioneira e mandou-a pôr em liberdade, com alegria de todos.

Encontraram-na ceguinha de tanto ter chorado. Mas agora os seus olhinhos fechados já não deitavam sequer uma lágrima. Foi conduzida a casa com grande desapontamento de toda a gente que por mais coisas que lhe dissessem não a conseguiam fazer chorar de alegria.

Os japoneses, por fim, foram-se acostumando mas no meio da miséria que nunca é bom para o país.

Fá-Li ia, todos os dias, sentar-se debaixo das cerejeiras e ouvindo os passaritos tão alegres, maldizia a sua triste sorte.

Estava-se outra vez em Maio. Fazia um ano que Fá-Li

perdera a felicidade. Sentada sôb uma árvore sequinha ela ouviu uma voz que dizia assim:

— «Não estejas triste, minha amiga. Eu sou o rei dos passarinhos a quem vou tirar os olhos, a tantos quanto for preciso, para fazer osteus. Assim ficarás vendo tão bem como dantes.»

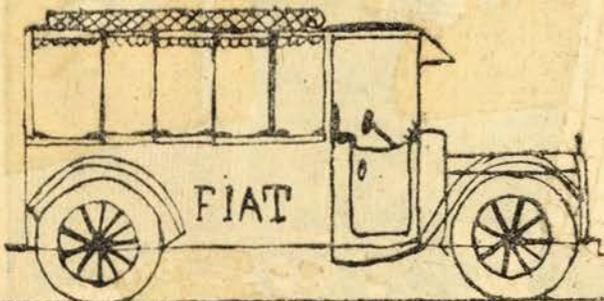
— «Eu não quero isso, disse ela. Por mim não vão ficar cegos os passarinhos.»

— «Mas é justo que nos sacrifiquemos porque tu sempre foste a nossa maior amiga.»

Fá-Li nessa altura sentiu o bater de muitas asas e em breve lhe colocaram os seus olhinhos perdidos. Descerrou as pálpebras, olhou em volta... e chorando de alegria viu todas as árvores rejuvenescerem e encherem-se de frutos muito frescos e apetitosos.

Assim regressou outra vez o bem-estar ao Japão. E Fá-Li ficou alegre e feliz na sua vivenda rodeada pelo carinho dos queridos pais e pelas encantadoras cerejeiras.

COLABORAÇÃO INFANTIL



Desenho do menino Octavio B. da Costa Vaz



MEUS MENINOS:— Vejam se descobrem para quem se está rindo a velhinha à vossa direita.

A CASA MALDITA ou o Farrusco, o limpa-chaminés

(CONTINUAÇÃO
da primeira página)

note bem, a pé, leva-se apenas três dias. Ora nessa cidade, existe uma casa que ninguém quere habitar porque, segundo dizem, aparecem por lá, ao bater da meia noite, espíritos, almas do outro mundo, que fazem um barulho infernal. Porém, não se sabe, ao certo, o que lá se passa, pois nunca ninguém viu as tais almas do outro mundo; apenas ouvem o barulho que elas fazem, como o arrastar de correntes, gritos alitivos, gemidos de dor, etc., barulho tal que arripia o mais corajoso e afoito...

— E já não é pouco, atalhou a avó impressionada, benzedendo-se repetidas vezes.

— E por isso, prosseguiu «Farrusco», o povo chama-lhe a Casa Misteriosa ou Maldita e de tal modo está possuído de terror que se não atreve a passar pela rua onde ela está situada. Isto tudo contou-me o Leonel que veio há pouco da cidade. O Rei, vendo que o seu povo e seus vassallos, andam aterrorizados e éle mesmo impressionado, mandou apregoar por toda a parte que dá um saco cheio de oiro (quere dizer, uma fortuna) a quem descobrir o que se passa na Casa Misteriosa e que seja capaz de expulsar as almas do outro mundo se, de facto, elas lá aparecem.

— Pois sim, interrompeu a velhinha, mas sabes perfeitamente que muitas pessoas já tentaram isso e o resultado não podia ter sido pior. Quasi todas enlouqueceram de terror e aqueles a quem não sucedeu isso, caíram gravemente doentes, morrendo pouco depois. Não vás àquela casa «Farrusco», implorou a avó toda trêmula, olha que ela está povoada de espíritos malignos. O povo tem razão em lhe chamar a Casa Maldita, pois com certeza Satanás escolheu aquela habitação para seu covil e tenta apanhar as almas, com as suas artimanhas infernais.

— Qual Satanás, nem qual carapuça! exclamou o garoto dando uma gargalhada. Isso tudo são histórias imaginadas pelo terror e que alguém espalha porque decerto tem interesse nisso. Vocemecê não deve acreditar nessas coisas pois não passam de puras fantasias. O que tem mais graça é que, desde que aparecem as almas do outro mundo ou os espíritos malignos como vocemecê lhe chama, os roubos e assassinios parece que redobram. Quasi todas as noites, os ladrões assaltam alguma habitação possuidora de bom recheio, e roubam à vontade sem que sejam presençidos. Após a façanha de, aparecem tão misteriosamente que nem sequer deixam rasto. A policia posta em campo, anda às aranhas, pois, por mais diligências que faça, não consegue descobri-los. Mas há ainda pior do que isso.

Além dos roubos sem conto, cometem-se numerosos assassinios. As vítimas aparecem crivadas de golpes feitos por punhais e no meio da testa apresentam uma tatuagem que representa um triângulo tendo no centro um punhal gotejando sangue. Ora esses crimes não são com certeza praticados por almas do outro mundo... E um sorriso malicioso bailava no rosto inteligente de «Farrusco».

— Mas isso é uma coisa

completamente à parte do que se passa na Casa Misteriosa, retorquiu a avó que não percebera o sorriso do neto. Concordas, não é verdade?

— Depois lhe direi, avó, respondeu «Farrusco» alegremente, quando eu estiver de volta, rico como um rei. Heide-lhe aparecer vestido como um fidalgo acompanhado por dois criados, portadores do saco de oiro. Agora basta de paleio. Dê cá um abraço muito apertado e nada de se ralar porque se Deus quizer sairei da empresa são e salvo. Até breve.

«Farrusco» levando às costas a trouxita com o farnel (roupa não levava, pois só tinha aquela que trazia vestida) e as ferramentas do seu officio (a corda, o molho de carqueja e a vassoura) todo enfarruscado, pôs-se a caminho para a cidade, enquanto a avó, lavada em pranto, pedia a Deus que protegesse o neto adorado.

II

De pé, muito direito e imóvel como uma estátua, o capacete e a baioneta fulgindo sob os raios do sol, um soldado de rosto bronzado guardava as portas da cidade onde habitava o Rei. Teve, porém, de sair da sua imobilidade ao ver que um garoto todo enfarruscado, um limpa-chaminés, tentava passar para a cidade sem sua autorização.

— Eh! rapaz, gritou a sentinela. Não se penetra assim numa cidade civilisada. Porém, se mostrares os teus papeis em ordem, poderás passar.

— Papeis? respondeu «Farrusco» admirado. Não trago papeis nem sabia que era preciso tê-los. Sou «Farrusco», o limpa-chaminés, e quero falar com o Rei. Portanto deixa-me passar, porque não posso perder tempo.





— Isso agora mais devagar, fedelho. Começas a tomar muita confiança pois tens o atrevimento de tratar por tu um soldado do Rei!... O melhor que tens a fazer é voltares depressa para a tua toca, pois sinto tentações de te espetar esta baioneta no corpo.

— Desculpe, senhor soldado, respondeu apressadamente «Farrusco» ao notar que a palestra enveredava por mau caminho, não foi por mal que o tratei assim, creia. Não vale zangar. Deus me livre de tratar mal um soldado, de mais a mais do Rei!...

Calou-se uns momentos e depois prosseguiu suplicante:

— Se vocemecê não se zangasse outra vez, senhor soldado, atrevia-me a pedir-lhe um favor. Como sou um pouco curioso e, além disso, sinto a maior vontade de aprender, gostava de saber como é o tratamento que se dá ao Rei.

— Todos nós, sejam fidalgos ou plebeus, quando falamos com o Rei tratamo-lo sempre por «Vossa Magestade», respondeu o soldado já mais amansado com a humildade de «Farrusco».

— Vossa Magestade... já me não esqueço apesar de ser um pouco complicado. Bem, como não posso entrar na cidade por via dos papeis, volto para minha casa. Tenho pena, lá isso tenho, mas... paciência; todos os males fossem esses! Adeus, senhor soldado. Muita saúdinha é o que eu lhe desejo.

E «Farrusco» muito submisso na aparência, voltou-lhe as costas e deu alguns passos na estrada, mas, então, os seus olhos brilhavam de malícia. De repente, porém, como se ainda quizesse fazer mais alguma pergunta, retrocedeu e exclamou:

— Ena, pai! Que coisa tão exquisita eu vejo além!...

E enquanto o soldado alheio de boa fé olhava para a direcção indicada, «Farrusco» que imaginara aquela estragem para se safar, penetrou na cidade e desatou a correr, ve-loz como um gamo, deixando o pobre soldado atordoado e estupefacto com tamanha audácia.

— O mais difícil já está feito, pensou «Farrusco». Agora o principal é falar ao Rei.

Depois de lhe indicarem onde ficava o palácio, encaminhou-se para lá.

— Mau, mau! murmurou ele, franzindo os sobrolhos, ao avistar um soldado postado junta do portão do palácio. Não querem lá ver!... Isto é que é pouca sorte!... E este não deve ser para brincadeiras: tem cara de poucos amigos e parece mais carrancudo do que o outro. Nada, nada... não me atrevo a falar com êle. E' muito capaz de me espetar a baioneta no corpo sem mais cerimónias... Que hei-de fazer agora?...

E «Farrusco» coçava a cabeça, prelexo. A sentinela que não percebera que estava sendo observada, começou a andar ao longo do passeio com toda a tranquillidade. Ansiosamente «Farrusco» seguia-lhe todos os movimentos. De súbito um sorriso de alegria iluminou o rosto enfarruscado do limpa-chaminés.

Acabara de ver o soldado parado na extremidade do passeio, de costas voltadas para o palácio, falando com um seu superior. Era uma ótima ocasião e «Farrusco», como era de esperar, aproveitou-a logo. Penetrou no palácio e com a maior desfaçatez subiu a grande escadaria toda de mármore e ouro, coberta por uma magnífica passadeira de veludo carmezim.

Admirado e ao mesmo tempo deslumbrado, o limpa-chaminés, abria muito os olhos, pois nunca vira tamanha riqueza.

Percorreu um amplo e comprido corredor, sem que até ali tivesse encontrado alguém. Para esse corredor deitavam muitas portas, ocultas por magníficos reposteiros cujos desenhos, primorosamente executados, representando animais exóticos, pássaros e flores, estavam maravilhosamente bordados a sédas de variadíssimas cores entrelaçadas por fios de ouro e de prata e salpicados graciosamente por pequeninas pérolas brancas e cor de rosa.

— Que lindos! Que lindos são! murmurava «Farrusco» esbugalhando muito os olhos.

Foi passando por todas as portas e, por fim, parou em frente de uma delas, pois ouvira murmúrio de vozes. Pôs-se de ouvido à escuta, mas não percebeu o que diziam. O que havia de fazer? entrar, não entrar? Estava nestas conjecturas, quando uma voz forte e colérica ressoando por detrás dele o fez sobressaltar.

— Grande patife! Grande atrevido!

Um reles limpa-chaminés atrever-se a entrar assim no palácio do Rei. Hein! Apetecia-te levar alguma coisa daqui, ladrão!...

Preparavas-te para roubar, mariola?...

Espera, espera que já vais pagar bem caro essa ousadia... Irás para a prisão que é o que mereces.

Olá, Viriato e Lourenço, levem depressa este maroto ao capitão dos guardas para que o mande pôr a ferros.

Imediatamente, acorrendo ao chamamento do mordono, apareceram dois lacaios fardados, que se apressaram a cumprir a ordem recebida. Agarraram «Farrusco» mas este dando-lhes um violento puxão, conseguiu soltar-se-lhes das mãos grosseiras, e correndo para a porta onde tinha ouvido as vozes, desatou aos pontapés a ela, ao mesmo tempo que gritava como um possesso:

— Acudam-me, acudam-me!... Querem matar-me!... Querem matar-me!...

Por fim, os criados conseguiram agarrá-lo não sem terem apanhado também alguns valentes sócos e pontapés, enquanto o mordono de braços cruzados, assistia impassível àquela scena.

Quando, por fim, já o levavam com muito custo, pois o limpa-chaminés debatia-se furiosamente, a porta que fora tão maltratada por «Farrusco» abriu-se violentamente e no limiar apareceu o próprio rei.

— Que barulho é este aqui? perguntou elle severamente. Não tenho dito tanta vez que quando estou reunido em conselho, não quero que ninguém passe neste corredor, nem consinto o mínimo ruído? Pelo que vejo as minhas ordens não são cumpridas, mas o culpado será rigorosamente castigado. Quem foi que ousou desobedecer-me?

O mordono abriu a boca para falar mas não chegou a pronunciar nenhuma palavra porque «Farrusco» que se calara com a intervenção do rei, de novo se pôs a gritar com toda a força dos seus pulmões:

— Quero falar com o rei!... Quero falar com o rei!...

— Tragam esse rapaz à minha presença, ordenou o monarca. E, magestoso, foi de novo sentar-se no seu trôno. «Farrusco» radiante por ter conseguido os seus fins e libertado agora das mãos brutais dos criados, vingou-se do mordono fazendo-lhe uma careta e deitando-lhe a lingua de fora. Depois, entrou na sala do trono e foi postar-se em frente do rei, muito direito e de cabeça bem alta. Os ministros e conselheiros olharam-no com indignação e disseram baixinho uns aos outros:

— Que atrevido, que insolente! Ousar erguer a cabeça tão alta como o rei!...

— Então que queres tu de mim? perguntou o monarca com benevolência, pois o rosto esperto e os olhos francos do garoto, agradaram-lhe sobremaneira.

— Saiba Vossa Ma... Ma... E «Farrusco» calou-se atrapalhado, pois esquecera-se por completo do tratamento que devia dar ao rei. Por fim, julgando ter encontrado a palavra desejada, exclamou triunfante:

— Vossa Ma... Massada!... Apre, que é custoso. Pois saiba Vossa Massada que...

Mas não pôde prosseguir, porque um dos ministros erguendo-se repentinamente, exclamou colérico:

— Isto é inaudito, é estupendo!... Este malandrim atreve-se a insultar o rei! Retira-te imediatamente daqui, insolente. Já, já para a rua...

— Quem é o rei aqui, senhor ministro? inquiriu o soberano muito calmo, mas sorrindo irónicamente. E' Vossa Excelência ou sou eu?

O exaltado e zeloso ministro fez-se muito vermelho e deixou-se cair na cadeira, murmurando umas desculpas.

— Trata-me como quizeres, meu rapaz, pois sei que o não fazes por mal mas sim por ignorância. Fala sem receio pois estás sob a protecção do teu rei.

— Visto vocemecê não se importar tratá-lo-hei simples-

mente por senhor rei, respondeu «Farrusco» um pouco comovido com a bondade do monarca. Gostava de falar a sós com vocemecê.

O soberano que, verdade se diga, estava farto de aturar ministros e conselheiros e achando aquele pedido óptimo pretexto para se ver livre deles, aquiesceu de bom grado e mandou retirar todos da sala. Mal a porta se fechou sobre eles, «Farrusco» piscando muito os olhos, o que nêle era sinal de contentamento, deu volta à sala espreitando todos os cantos, levantou todos os reposteiros, verificou se as portas estavam bem fechadas e, finalmente, depois de escutar alguns momentos, acercou-se do rei que, muito admirado, havia seguido atentamente os manejos do limpa-chaminés.

— Falemôs baixinho, senhor rei, porque, segundo dizem, até as paredes teem ouvidos e não convêm que nos ouçam. Trata-se da Casa Misteriosa. Vocemecê prometeu um sacco cheio de ouro a quem descobrisse o mistério da casa amaldiçoada. Eu, «Farrusco», o limpa-chaminés, pretendo ganhar esse ouro pois sou muito pobre, e por isso ficarei esta noite na Casa Maldita.

— Tu!... exclamou o rei estupefacto. Tu, uma criança ainda, dejas ficar esta noite na Casa Misteriosa? Mas com certeza não estás bom da cabeça, rapaz. Queres, então, morrer ou enlouquecer de pavor, como já aconteceu a tantos? E esses que pagaram bem caro a sua tenacidade eram todos homens feitos, valentes e destemidos. Ignoras, decerto, que cumprindo os minhas ordens um capitão e vários soldados armados dos pés à cabeça, ficaram de guarda na Casa Maldita e, ainda uma hora não era decorrida, apareceram espavoridos no palácio, declarando que antes queriam ficar toda a vida na prisão de que passarem outra noite na Casa Misteriosa. Não, não meu rapaz, não consentirei que empreendas semelhante aventura, que seria um crime. Um homem ainda vá... agora uma criança como tu, não.

— Mas, senhor rei, retorquin «Farrusco» mostrando-se ofendido, eu não sou uma criança, pois tenho quasi quinze anos. Já sei defender-me muito bem e, além disso, não sou medroso. Fique certo que as «almas do outro mundo» nenhum mal me farão... Confie em mim, senhor rei, consinta no meu pedido e verá que não ha-de arrepender-se. Tenho fé que serei bem sucedido e...

As últimas palavras disse-as «Farrusco» ao ouvido do soberano que o escutava cheio de interesse.

— Sério, sério, rapaz, supões que possa ser isso? Na verdade, ligando o que tu imaginas com certos factos que há muito se vêem dando de uma maneira bastante misteriosa, talvez tenhas razão. Ah! se assim fôr rapaz, se conseguires desvendarem o mistério da Casa Maldita, além do sacco de ouro prometido terás outra recompensa.

— Vocemecê acaba de me dar o seu consentimento e... segundo ouvi dizer: — «palavra de Rei não volta atrás» disse «Farrusco», maliciosamente.

— Ai, maroto, que me apanhaste! exclamou o Rei alegremente. Lá esperto és tu, isso é que não há dúvida. Não tenho outro remédio senão consentir, mas imponho uma condição: — sózinho não te deixo ir, alguém te há-de acompanhar.

— Não, não senhor Rei, por Deus deixe-me ir só, se alguém me acompanhasse escangalhava-me decerto o arranjinho e isso não me agrada nada. Fica combinado. Vou só não é verdade?

— Bem, bem meu rapaz, faze o que quizeres. Tens uma maneira especial de dizer as coisas que consegues convencer-me com facilidade. Vou ordenar a um dos meus officiais que fique toda a noite aqui, nesta sala (que é separada do meu quarto apenas pelo corredor) com alguns soldados armados, pois se de facto fôr o que tu supões, ser-nos-hão de grande auxilio. Estás satisfeito?

— Estou sim, senhor Rei. No entanto, peço-lhe que não conte a ninguém o que se passou entre nós. E' sempre bom desconfiar e... olhe tive agora uma idéa esplêndida!... E' esta: — vocemecê faz de conta que está muito zangado comigo porque eu tive o atrevimento de lhe tocar na cara, sujando-o de propósito, assim: E «Farrusco» juntando a acção à palavra estendeu a mão toda enfarruscada e, com a maior delicadeza, fez uns poucos de riscos negros, numa das faces do monarca. Depois deitou a cabeça para trás para ver o efeito e soltou uma sonora gargalhada. O Rei riu-se também e perguntou-lhe ainda:

EM FOCO

Graciette Branco

autora do livro de poesias infantis «BEBES
de BIBE e BABETTE» VIII volume da
BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM



GRACIETTE BRANCO, eis uma nova estrêla
No céu da Poesia Portuguesa.
Nova estrêla de máxima grandeza,
A mais linda, a mais rútila, a mais bela.

Madrinha dos Bébés!... Ouvi-la ou lê-la
E' ter-se a sensação de que se reza;
E' deixar a noss'alma toda presa
Na sedução que se desprende dela!

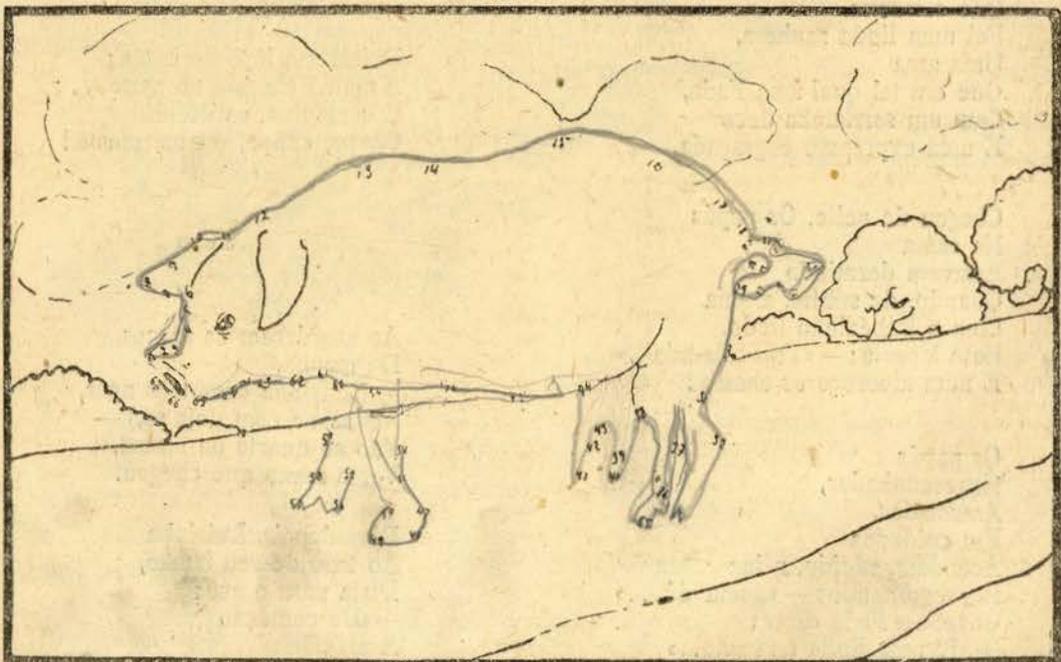
Como Jesus amando os pequeninos,
Adora estar no meio de meninos
Entre *bebés de bibe e de «babettes»!*

E tanta graça nos seus versos há,
Que eu penso se essa graça provirá
De ter, por graça, a graça de Graciette!

PÁPIM



PARA OS MENINOS DESENHAREM E COLORIREM



Menino vindo de França

POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHO DE

EDUARDO MALTA



NUMA cestinha doirada,
 Toda adornada,
 Enfeitada
 Com rendas, laços e fitas,
 Acaba de vir de França,
 Uma criancinha loura,
 Criança
 Das mais bonitas!

A portadora
 Que o trouxe,
 Foi uma linda senhora,
 Uma ama
 Que era tal qual uma Fada,
 Com um sorrizinho doce
 E uma expressão engraçada.

Chegou de noite. Os papás
 Na cama
 Estavam dormindo
 Quando, de súbito, a ama
 Com o bebézinho lindo,
 Bate à porta: — «Trás-trás-trás...»
 E num alvoroço os chama!

Os papás
 Estremunhados,
 Assustados,
 Em cuidados
 Acendem, rápido, a luz
 E perguntando: — «quem é?...»
 Ouvem a Fada dizer:
 — «E' uma linda criança...»
 E' um Menino Jesus;

O desejado bebé
 Que acaba de vir de França!

Então em louca alegria
 De olhos bem abertos já,
 Numa correria
 Abrindo
 A porta de par em par,
 A mamãzinha, o papá
 Ao verem o filho lindo
 Julgam-se ainda a sonhar!

Deitam-no logo na cama;
 A mamã chega-o ao peito...
 E o menino, satisfeito,
 Chupa, chupa, mama, mama!

■ ■ ■

Ao acordarem os manos,
 De manhã,
 — (Luizinha com três anos,
 Josézinho com dois só,) —
 Vão ao quarto da mamã,
 Ver o mano que chegou.

Dias depois, Luizinha
 Ao lado do seu irmão,
 Dizia para o avô:
 — «De comoção
 A mãezinha
 Até doente ficou!»